

**Um chocolate incomoda muita gente:  
a sexualidade das mascotes M&M's como alvo de ataques nas mídias digitais**

*One chocolate bothers many:  
the sexuality of m&m's mascots as a target of digital media attacks*

Eliézer Reis VICENTE<sup>1</sup>

### Resumo

Guiados pelas teorizações foucaultianas sobre sexo/sexualidade, podemos afirmar que há ainda uma necessidade de se problematizar esse tema, tendo como principal motivação as discussões atuais sobre a homoafetividade e a identidade de gênero. Esse artigo centra-se na sexualidade das mascotes M&M's que causaram polêmicas e foi alvo de ataques nas mídias digitais este ano de 2023. Objetivamos, a partir desse acontecimento, entender como o dispositivo da sexualidade promove saberes sobre o sexo/sexualidade e compreender como os acontecimentos históricos atravessam a prática discursiva social e instauram uma hierarquia entre os sexos. Consideramos que o acontecimento analisado provoca certas rupturas com o regime heteronormativo.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Chocolate. Dispositivo da sexualidade. Foucault; M&M's.

### Abstract

Guided by Foucauldian theorizations about sex/sexuality, we can state that there is still a need to problematize this theme, having as main motivation the current discussions about homoaffectivity and gender identity. This article focuses on the sexuality of the M&M's mascots that caused controversy and was the target of attacks in digital media this year, 2023. We aim, from this event, to understand how the sexuality device promotes knowledge about sex/sexuality and to understand how historical events cross the social discursive practice and establish a hierarchy between the sexes. We consider that the event analyzed provokes certain ruptures with the heteronormative regime.

**Keywords:** Sexuality. Chocolate. Sexuality device. Foucault. M&M's.

### Introdução

A questão da sexualidade é um campo que trava batalhas, por si só, desde os tempos mais remotos aos dias atuais. As heterogeneidades sexuais apontadas por Michel

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (PPGECM/UFG). E-mail: eliezervicente@gmail.com

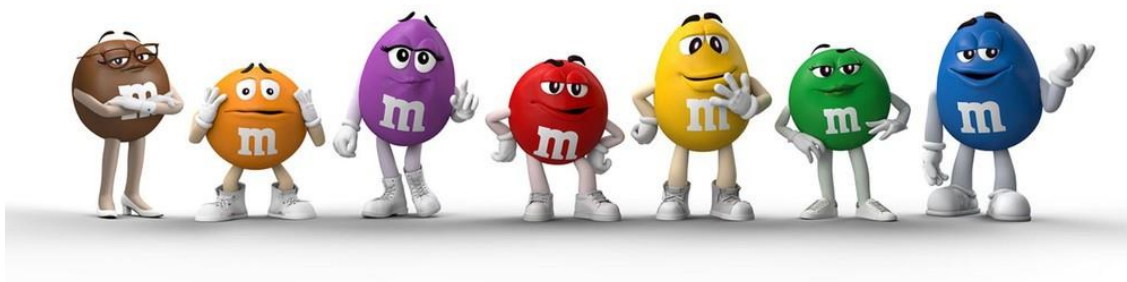
Foucault (1976) se inserem como formas de resistência às relações de saber e poder que produzem e sustentam verdades sobre a sexualidade, dentro de uma descontinuidade histórica que nos constitui. O filósofo francês Michel Foucault cultivou três volumes em seus estudos sobre essa questão. No primeiro, *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1976), o autor investigou o *sexo em discurso* nas marcas da Nova História.

Na esteira das reflexões encampadas por Foucault, podemos dizer que existe uma necessidade de se problematizar as discussões a respeito da sexualidade, motivados, principalmente, pelas questões homoafetivas e da identidade de gênero, pois tais temas se defrontam na *ordem do discurso*, é uma “vontade de saber que não se detém diante de um tabu irrevogável” (FOUCAULT, 2021, p. 18).

A despeito de visíveis aberturas aos segmentos homossexuais tidos na chamada sociedade heteronormativa, é importante refletir que tais relações de saber e poder envolvem relações de força, de poder e de resistência, diante de práticas divisoras para objetivar/subjectivar os sujeitos. De acordo com Foucault (2021), há certas práticas sexuais consideradas normais/naturais e anormais/não naturais que refletem ao principal par opositor, heterossexualidade/homossexualidade.

Em 2022, a M&M's, parte da *Mars Inc.* portfólio de marcas, anunciou a reforma que seus mascotes passaram, com o objetivo de promover a inclusão (Figura 1). Os alegres personagens que você vê nas embalagens de doces, bem como em seus comerciais, passaram a ter uma aparência ligeiramente diferente – sapatos e personalidades – foram redesenhadas.

**Figura 1:** Mascotes M&M's.



Fonte: Revista Forum<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/2023/1/25/mascotes-mms-supostamente-gays-so-retirados-de-campanha-pela-marca-130532.html>. Acesso em: 18 de jun. 2023.

Em seu anúncio oficial pelo canal no *Youtube*, a empresa afirmou que o objetivo deste *rebrand* é “ressaltar a necessidade da autoexpressão e do poder da comunidade através da narrativa”. E, embora a maioria das mudanças seja sutil, algumas não passaram despercebidas. A ação ganhou repercussão nas redes e na mídia americana e em vários lugares do mundo, bem como no Brasil. Grupos conservadores consideraram as novas mascotes como “masculinizadas”. Com isso, mascotes da marca M&M’s foram retirados da campanha publicitária por “tempo determinado” pela empresa após polêmica sobre a sexualidade dos chocolates.

A empresa emitiu um comunicado sobre tal repercussão: "Não tínhamos certeza se alguém notaria. E definitivamente não achamos que isso ‘quebraria’ a internet. Mas agora entendemos: até mesmo sapatos de um doce podem ser polarizados. Era a última coisa que a M&M's queria, já que nosso objetivo é unir as pessoas", diz o comunicado. (G1, 2023, n.p.). E continuou: "Portanto, decidimos fazer uma pausa indefinida nos mascotes. Em seu lugar, temos o orgulho de apresentar uma porta-voz com a qual os Estados Unidos concordam: a amada Maya Rudolph". (G1, 2023, n.p.). E ressaltou ainda que “estão confiantes de que Rudolph defenderá o poder da diversão para criar um mundo onde todos se sintam pertencentes” (G1, 2023, n.p.).

No horizonte de tais discussões, objetivamos neste artigo entender como o dispositivo da sexualidade promove saberes sobre o sexo e a sexualidade e compreender como os acontecimentos históricos atravessam a prática discursiva social e instauram uma hierarquia entre os sexos. Para essas discussões, articulamos com os conceitos elaborados por Michel Foucault, que contribuem para uma análise *arqueogenealógica*, o que significa, arqueologicamente, priorizar o imbricamento entre a descrição dos enunciados e, genealógicamente, a análise das estratégias de poder circunscritas nesses enunciados.

### **Michel Foucault e o dispositivo da sexualidade**

O filósofo francês Michel Foucault expõe a sexualidade como um conjunto de práticas, discursos e verdades que classificam os comportamentos sexuais normais e aqueles considerados patológicos, a partir de uma série de classificações e hierarquizações, em um contexto de uma biopolítica que controla a vida da população. A imposição de um padrão corporal e de normalidade de sexo, gênero e sexualidade é realizada em um contexto de uma biopolítica que controla a vida: “de um modo geral, na

junção entre o ‘corpo’ e a ‘população’ o sexo tornou-se algo central de um poder que se organiza em torno da questão da vida, mais do que a ameaça da morte” (FOUCAULT, 2021, p. 138).

Em *História da Sexualidade I – A vontade do saber*, Michel Foucault expõe a relação entre sexo e verdade partindo de duas teses: 1) a sexualidade hoje é constituída como um objeto de investigação científica é apresentado como um campo normativamente saturado. Ainda, há um vínculo entre o ser – o sujeito – e a verdade – em que o homem está inscrito no sexo/sexualidade como uma verdade ontológica; 2) é preciso repensar a relação sexo e a sexualidade, no sentido que seja abandonada a sua relação puramente biológica ou natural (essencialista), uma vez que o sexo é uma experiência do cotidiano e, portanto, uma experiência histórica, social e cultural.

O filósofo mostra como o sexo adquire realidade em um âmbito de multiplicação de discursos, a partir do momento em que a sexualidade torna-se uma preocupação da medicina, da psiquiatria, do direito. Surge, dessa forma, o *dispositivo da sexualidade*, ou seja, uma rede de saberes e de poderes obcecados em extrair a verdade do sujeito na sexualidade (FOUCAULT, 2021). Acerca do dispositivo da sexualidade, César (2018) comenta:

[...] uma rede de saberes e poderes que se apropriam do corpo em sua materialidade viva e, assim, o investem de significação e inteligibilidade. Foi seguindo esta grade interpretativa que Foucault pôde mostrar que a sexualidade atravessou os séculos XIX e XX como um crucial elemento organizador e definidor da verdade mais íntima dos sujeitos, isto é, como foco aberto e privilegiado para uma série de escrutínios e investigações capazes de produzir inúmeros efeitos de normalização e patologização sobre a vida de indivíduos e populações (CÉSAR, 2018, p. 243-244).

O autor questiona o lugar comum de que o sexo foi colocado no lugar da restrição (hipótese repressiva) e apresenta, em seu lugar, a colocação do sexo em discurso (proliferação de discursos sobre a sexualidade), de forma a construir uma ciência da sexualidade (*scientia sexualis*).

Foucault (2021) nos mostra que por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica a falar do sexo com o fim de formular um discurso sobre o mesmo que não se situe exclusivamente no âmbito da moralidade e sim, da racionalidade. No decurso desse discurso racional não se deve simplesmente condenar ou tolerá-lo, mas inserir o sexo em sistemas de utilidades, regulá-lo para o bem de todos (funcionar em um

padrão ótimo) – regular por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição (controle de natalidade, fecundidade, controle de doenças, casamentos legítimos e ilegítimos – a conduta sexual dos casais se insere em uma conduta econômica e politicamente deliberada). Já a partir do século XIX entra em atividade, para suscitar os discursos sobre o sexo, a medicina, a psiquiatria e também a justiça penal. O sexo se torna algo que se deva dizer e algo que se deve dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos – dele nunca se fala o suficiente – aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, para registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo” (FOUCAULT, 2021, p. 39).

No horizonte dessas discussões, fica-nos evidente a partir das teorizações foucaultianas é que o sexo, através dos discursos científicos assume um papel privilegiado para a determinação da verdade do sujeito, a sua identidade. Essa irrupção discursiva dos séculos XVIII e XIX provoca duas modificações: 1) um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual focando-se no que é considerado contra a natureza e 2) o surgimento de todas as sexualidades periféricas (formas condenadas), às quais é possível reparar tanto as indulgências (no campo penal) e uma grande repressão (no campo pedagógico e médico). Sobre essa questão, temos que:

A implantação das perversões é um efeito instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e se multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se as sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo, uma prática (FOUCAULT, 2021, p. 54).

Com isso, a partir do século XVIII, é possível traçar quatro grandes conjuntos estratégicos (quatro objetos privilegiados de saber) que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo: 1) a histerização da mulher; 2) a pedagogização do sexo da criança; 3) a socialização das condutas de procriação e 4) a psiquiatrização do prazer perverso.

Engendra-se, portanto, uma clivagem: sexualidades normatizadas/disciplinadas *versus* sexualidades anômicas, constituindo-se o universo das sexualidades periféricas ou

patológicas. Essa sexualidade patológica está sujeita a intervenções, investigações, exames, constantes laudos médicos, psiquiátricos, hierarquias e classificações.

Numa palavra, uma vez constituído o dispositivo histórico da sexualidade, o sexo (com seus misteriosos desejos, com sua fisiologia complexa, com suas aberrações assustadoras) se tornou uma instância privilegiada de determinação da verdade mais íntima dos sujeitos e de sua classificação enquanto pertencentes à classe das anomalias ou da normalidade, separando-se os indivíduos e as populações entre os que constituem perigos a serem socialmente disciplinados, vigiados, castigados e os que fornecem o parâmetro para as boas sociabilizações (CÉSAR, 2018, p. 243-244).

Pode-se destacar, nesse contexto, a construção da homossexualidade como uma sexualidade perversa. Juntamente com a mulher e a criança, o homossexual, no século XIX, se torna o centro da ciência médica, a partir do momento em que é transferido da prática da sodomia para uma patologia (perverso/anormal). “Essas ‘tecnologias do sexo’ eram concebidas para preservar e estimular uma população (ou forma de trabalho) produtiva e procriadora que atendesse à necessidade do sistema capitalista em desenvolvimento” (SPARGO, 2017, p. 19).

Destarte, o dispositivo da sexualidade funciona através de técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder com a função de inovar, anexar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. É, portanto, histórico (engloba práticas institucionais, discursos médicos, jurídicos, religiosos), e a partir dele o sexo é uma instância privilegiada para a determinação da verdade dos sujeitos (através de um discurso científico) e para a sua classificação, dividindo-os em normais e disciplinados e os anormais ou patológicos. Não se trata o sexo, portanto, de um dado da natureza, pelo contrário, é um produto histórico.

Encampados pelas reflexões de Michel Foucault, a despeito de tais questões, é possível observar como o Estado se interessa pelo sistema sexo-corpo-gênero. O sexo se torna, portanto, um problema de políticas públicas em um contexto em que interessa incrementar, proteger e multiplicar a vida, bem como permitir a morte.

## A sexualidade dos chocolates: repercussão nas redes e na mídia

**Figura 2:** Pack especial de edição limitada das mascotes M&M's Purple, Green e Brown.



Fonte: Women's Agenda<sup>3</sup>

Os discursos veiculados pelas redes e mídia acionam poderosos efeitos de verdade, que podem contribuir significativamente para a construção das identidades dos sujeitos. Para Fischer, “se considerarmos que a mídia, hoje, é responsável por um imenso volume de trocas simbólicas e materiais em dimensões globais, abre-se para a educação um novo conjunto de problemas” (FISCHER, 1999, p. 18).

Bem sabemos que nas relações, nas brincadeiras, nos programas televisivos, nos brinquedos e em tantas outras situações do cotidiano, somos interpelados/as por discursos que apontam, indicam, definem e determinam o que é ser masculino e o que é ser feminino. “Vivemos em uma sociedade engendrada pelas relações de gênero e sexualidade que refletem nas produções culturais e nas narrativas que construímos acerca do mundo e de quem somos.” (TAKARA, 2017, p. 227).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://womensagenda.com.au/latest/mars-announces-all-female-mms-to-celebrate-women/> Acesso em: 18 de jun. 2023.

A marca M&M's decidiu parar de usar em seus anúncios publicitários, por tempo indeterminado os célebres personagens multicoloridos no formato de pastilhas de chocolate, criticados por parte da direita conservadora dos Estados Unidos e conseqüentemente, assunto que repercutiu internacionalmente, que os consideram politizados.

As transformações no visual dos personagens masculinos foram quase imperceptíveis para os distraídos. Os M&M's Vermelho, Amarelo e Laranja tiveram mudanças nos tênis – os dois primeiros agora possuem cadarços, enquanto o terceiro agora os tem amarrados. As maiores mudanças são nas personalidades: o M&M vermelho é mais gentil e o M&M Laranja é menos ansioso. Desde suas criações eles são nomeados pelas cores que carregam e possuem gênero. E, neste caso, o gênero do confete colorido é importante, pois foi à alteração no visual dos personagens femininos que chamou a atenção na mídia. Pode um chocolate incomodar muita gente?

O tema começou com o lançamento, em setembro de 2022, de um novo membro da família de *spokescandies* (porta-vozes dos doces), chamado *Purple* (violeta) (Figura 2). Este foi o terceiro personagem feminino do grupo, depois de *Green* (verde) e *Brown* (marrom), criados, segundo a M&M's, "para representar a aceitação e a inclusão". A cor violeta costuma simbolizar o apoio à comunidade LGBTQIAPN+ (a sigla engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan/Poli, Não-binárias e mais) e a expressão da homoafetividade. Segundo a *Mars Inc.*, a nova personagem foi criada como “representante da inclusão e da importância da aceitação” das diferenças. “Ela é autêntica, confiante e quer levar essa mensagem para o mundo”, afirmou a empresa por meio de comunicado.

A chegada de *Purple* (M&M violeta) provocou críticas e os internautas culpam a empresa *Mars Inc.*, fabricante dos M&M's, por politizar os doces populares. Segundo eles, os personagens dos M&M's se tornaram "woke", palavra usada para designar o ativismo contra toda forma de discriminação e exclusão em relação a uma ou mais minorias. A polêmica voltou à tona no começo de janeiro de 2023, com a comercialização de um *pack* especial de edição limitada (Figura 2), contendo exclusivamente as três cores dos personagens femininos: verde, marrom e roxo. "Os M&M's 'woke' voltaram", protestou Tucker Carlson, um dos principais apresentadores da *Fox News*, conhecida pelas posições conservadoras de vários de seus profissionais.



As feminilidades e masculinidades, produzidas historicamente, são ensinadas e imbricam-se nas relações de poder e saber que constituem as sociedades (LOURO, 2007). Interpelados pelos discursos da medicina, da psiquiatria, da religião, da ciência e dos artefatos midiáticos que os pulverizam, os corpos – inclusive dos chocolates –, são, a todo o momento, adestrados, regulados, docilizados e sujeitados a regras de conduta.

Reconhecendo as performances de gênero como práticas constituídas e constituidoras de sentidos, de modos de ser, de práticas sociais discursivas e não discursivas, vislumbramos as relações de poder que são constituídas nessa trama de identidades de gênero. Foucault (2009) trata das relações de vigília e punição que adestra corpos, trata dos poderes e saberes que engendram as práticas de discurso e dos modos de reverberação e rarefação que constituíram as verdades modernas e instauram práticas como corretas e incorretas.

Para a feminilidade, sobra-lhes a disciplinaridade dos corpos masculinos, as broncas e os olhares de desprezo, de julgamento, olhares de comiseração que denotam o que Miskolci (2012) discute como o abjeto, o desvio, o problema que as homossexualidades e as feminilidades [em meninos] atraem para si.

Na contemporaneidade os corpos podem ser entendidos como possíveis mensageiros, produzidos na pluralidade de culturas e práticas educativas. Segundo Graciema da Rosa (2004, p. 7), o corpo pode ser visto como “um hipertexto, cenário, mapa, sinalizador, território de protesto e de criação. Subterfúgios e dribles... acessórios, adornos, decorações”. Embora colocados em discurso de forma tão intensa nas últimas décadas, os corpos têm sido minuciosamente vigiados e controlados, especialmente no que se refere à sexualidade (FELIPE, 2005), até mesmo os corpos de pastilhas de chocolates.

A M&M verde – que é conhecida por suas icônicas botas e cílios longos – trocou seu visual antigo por um mais estiloso e descontraído, acompanhado de um novo par de tênis. Alguns usuários acham a reforma decepcionante, argumentando que a troca do sapato da M&M verde vai contra os princípios do feminismo, ao criticar a feminilidade e a expressão da sexualidade feminina. O apresentador da Fox News, Tucker Carlson, chegou a insinuar que a M&M Verde seria “lésbica” (CATTO, 2023, n.p.).

Mas, afinal, o que é lésbica? Podemos conceber a lésbica, sendo um corpo estigmatizado pela sociedade heterossexual, marcado como “anormal”, cuja vida poder ameaçada, silenciada e até mesmo ceifada. Como mostra Goffman (1998), os “normais”

constroem uma ideologia para explicar a inferioridade das pessoas através de um estigma para que possam ter controle do perigo que elas representam, acreditando e fazendo crer que alguém com um estigma não é verdadeiramente humano. Em nossa sociedade/cultura, o “lésbico” se constrói como um estigma a partir da consideração da sexualidade lésbica como transgressora das normas da sexualidade dominante (heterossexualidade) e da maternidade obrigatória, que constroem a condição de gênero feminino (LORENZO, 2012).

Nesse horizonte, Swain (2004) ao discutir sobre as identidades lesbianas traz à discussão as homossexualidades e suas visibilidades no cenário composto pelo machismo, sexismo e a homofobia.

Este **sexo-discurso** produz desse modo corpos aos quais se atribui uma **sexo-significação** de forma binária e normatizadora, em torno da procriação e em sexualidades diversas que não cessam de se referir ao sexo “originário”, o reprodutor. A **heterossexualidade compulsória** aparece assim como um mecanismo regulador de práticas e definidor de papéis, restritos aos desenhos morfológicos e genitais, isto é, à correspondência exata entre **sexo biológico/gênero social** que o lesbianismo e a homossexualidade em geral desmentem (SWAIN, 2004, p. 77, grifos da autora).

O influenciador conservador Nick Adams chegou a acusar a empresa de "sexismo". Ele também afirmou que “a masculinidade está sob ataque como em nenhum outro momento na história mundial” (CATTO, 2023, n.p.).

Diante dessas questões, o sexo/sexualidade encontra-se presente não apenas como uma ideologia criada, mas uma ideologia imposta e alimentada através de ferramentas discursivas, a qual irá servir de exercício do poder pela epistemologia dominante, a heteronormativa, através de um ideal coletivo. Foucault trata da dominação do corpo [e também deve inferir do gênero] como a manutenção da ordem vigente (FOUCAULT, 2012). Partindo dessa perspectiva, a subalternização dos padrões não dominantes é natural e evidente, pois, o ideal coletivo, a masculinidade, não permite ser subjugado com padrões que devem ser repudiados.

Com isso, o discurso hegemônico heteronormativo “não é simplesmente o aparelhamento de palavras que pretende surtir um significado próprio, mas um mecanismo estratégico que representa a ordem nas estruturas do imaginário social” (SMITH e ABREU, 2016, p. 149). Portanto, a autonomia imposta pela sociedade é sobre

tudo aquilo que foge das regras comportamentais heteronormativas. Esse discurso padrão é empregado ainda na contemporaneidade e ainda serve para explicação das desigualdades sexuais inerentes ao mundo e também como justificativa de uma subalternização de outros corpos que não carregam e/ou não empregam a característica dominante, sucedendo assim a criação de um ideal universal das vontades (FOUCAULT, 2012).

O dispositivo da sexualidade refere-se, como o elemento criador de um sujeito sexual, a um sujeito identificado a partir de sua sexualidade. “Que ser sexual é você?” (FOUCAULT, 2014, p. 338). Segundo o filósofo,

É exatamente assim. Na cultura grega, que conhecia os *aphrodisia*, era simplesmente impensável que alguém fosse essencialmente homossexual em sua identidade. Havia pessoas que praticavam *aphrodisia* convenientemente, segundo os costumes, e outras que não os praticavam bem, mas o pensamento de identificar alguém segundo sua sexualidade não poderia vir-lhes à ideia. Foi somente quando o dispositivo da sexualidade estava efetivamente estabelecido, quer dizer, quando um conjunto de práticas, instituições e conhecimentos havia feito da sexualidade um domínio coerente e uma dimensão absolutamente fundamental do indivíduo, foi nesse momento preciso que a questão ‘Que ser sexual é você?’ tornou-se inevitável. (FOUCAULT, 2014, p. 338).

Com isso, podemos destacar, que o dispositivo da sexualidade para controlar as sexualidades múltiplas, as sexualidades que não se amoldam à lógica heterossexual, criou-as, especificou-as e as nomeou. Foi necessário produzir sexualidades periféricas, pautadas em um padrão produzido, qual seja: o sexo em aspectos biológicos, heterossexuais.

### Considerações finais

Ao cabo da trajetória teórico-analítica empreendida neste texto, podemos afirmar que o corpo, o sexo/sexualidade e o gênero são construções culturais e, portanto, podem ser desconstruídos e reconstruídos. Não são isentos de críticas ou questionamentos. Se por um lado, a homossexualidade ainda é apresentada como um comportamento sexual desviante, anormal, mormente por alguns segmentos conservadores, por outro há “quebras” de tabus e/ou “tentativas”, como o caso dos chocolates e suas sexualidades.

Dessa forma, entendemos que, diante de alguns avanços das discussões sobre as relações homoafetivas, a heterossexualidade resiste como uma instância que, pelas vias do discurso, alicerça construções sociais e culturais de identidades e de gêneros. Nossa reflexão indica para ‘a luta perpétua e multiforme’ na qual se encontra a sexualidade.

Calha sublinhar ainda que a forma de expressar a homofobia (e/ou lesbofobia e transfobia) pode ser vista até mesmo no cotidiano, assistindo a um programa televisivo, ou pelas redes e mídias, chegando a conservadores se incomodarem e criticarem a sexualidade de chocolates.

Desse modo, é possível entender que as representações sobre o sexo/sexualidade constroem relações de distinção social, que incide na fabricação de sujeitos homossexuais e heterossexuais, ou seja, vamos aprendendo, a ocupar e reconhecer os lugares sociais através de um complexo de forças e de processos que incluem instâncias como os meios de comunicação de massa, ciência, as revistas, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música e que produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver nossas identidades sexuais e identidades de gêneros.

Toda essa reflexão nos endereça àquilo que Foucault afirmou ser seu principal interesse, o sujeito e suas formas de objetivação e de subjetivação, pois “o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Trata-se, portanto, de rupturas, deslocamentos e transformações constantes na constituição dos sujeitos. Além disso, “é por meio dos processos de subjetivação que se chega ao que se entende modernamente por sujeito” (SILVA, 2014, p. 63), e se produzem sujeitos singulares, sob determinadas condições sociais e históricas através dos discursos que circulam atualmente.

## Referências

CATTO, André. Conservadores americanos criticam mascotes 'lésbica' e 'obesa' de M&M's, e marca aposentada personagens. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2023/01/23/conservadores-americanos-criticam-mascotes-lesbica-e-obesa-de-mandms-e-marca-aposentada-personagens.ghtml>. Acesso em: 01 jun 2023.

CÉSAR, Maria Rita. O dispositivo da sexualidade ontem e hoje: sobre a constituição dos sujeitos da anomalia sexual. **Dois Pontos**, [S.l.], v. 14, n. 1, nov. 2017.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed Petrópolis: Vozes, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Identidade, cultura e mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. In: DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Tradução de Maria Albuquerque & A. Albuquerque. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

LORENZO, Ángela Alfarache. La Construcción cultural de la lesbofobia: una aproximación desde la antropología, In: RUBIO, Julio Munhoz (Coord.). **Laberinto de la ignorancia**. Mexico: UNAM, 2012.

SILVA, J. J. Domingos. **Do armário ao altar: a constituição do sujeito homoafetivo nos jogos de verdade do discurso midiático**. Tese (doutorado). UFPB: João Pessoa, 2014. p. 28-49.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Trad. Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SMITH, Herlan José da Silva; ABREU, Rachel de Oliveira. **Um olhar foucautiano sobre a profusão de discursos na construção do corpo heteronormativo**. Pontos de Interrogação, v. 6, p. 147-168, 2016.